

O POSICIONAMENTO DOS JOVENS ALUNOS PERANTE AS TECNOLOGIAS

Raquel Maria Garcez Marques – UMINHO/PT
Bento Duarte da Silva – UMINHO/PT

1. INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA: A CIBERCULTURA E OS JOVENS

Desde meados da década de 90 do século XX que se desenvolveram as bases de uma revolução, uma mudança de paradigma sociocultural, designada de *Sociedade da Informação e do Conhecimento* por diversos cientistas sociais (Lyon, 1992; Lévy, 1994; Castells, 2002). Na base desta mudança esteve o desenvolvimento das tecnologias digitais, de que a Internet e o seu sistema Web são o melhor exemplo que interpretam o sentido deste novo mundo, em que a noções de sociedade em rede e comunidades virtuais são conceitos-chave.

Rheingold (1996), com o seu influente livro *A Comunidade Virtual*, estabeleceu o tom do debate em torno desta questão ao defender um novo tipo de comunidade que reuniria pessoas *online* em torno de uma série de valores e interesses partilhados, criando laços de apoio e amizade. Também Castells (2004:161) considera que a interacção social *online* desempenha um papel cada vez mais importante na organização social, constituindo “comunidades virtuais, diferentes das comunidades físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes em unir e mobilizar”. Na Internet, não transitam, portanto, simples informações, mas “*actos de comunicação* onde o mundo privado da experiência pessoal daqueles que os praticam é projectado no interior do mundo interpessoal e grupal das interacções” (Silva, 2005:40).

Nos últimos tempos, o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem sido assombrosa na criação de novos dispositivos e interfaces (mail, blogues, wikis, podcasting, msn, hi5, etc.), possibilitando formas de comunicação inimagináveis entre diversas pessoas, de diferentes cidades, países, continentes.

Estamos, então, perante comunidade virtuais (Rheingold, 1996; Cardoso, 1998), emergentes no ciberespaço, uma “entidade desterritorializada”, mas que é, sem dúvida, o média que “restabelece a simetria da relação comunicação: cada receptor pode ser também um emissor” (Alava, 2002:47).

O ciberespaço é o espaço criador da cibercultura

“La cibercultura es la forma referida a un valor simbólico que le agregamos a la cultura común, pero relacionada a nuevas tecnologías, dentro de las cuales también tenemos artes, ciencias y

pensamientos (...) sabemos que es una sociedad y que puede ser encontrada en su mayoría unida por la vía de los bits en la World Wide Web, o mejor conocida como Internet”.

(Nieto, 2006)

No momento actual, podemos arriscar afirmar que toda a gente, que tem acesso à Internet, conhece estas formas de manifestação cultural, e muitos possuem mesmo o seu lugar numa ou mais comunidades. As raízes do *habitus* orientam a conduta das pessoas (Bourdieu, 2001), fazendo com que procurem conquistar um lugar que as satisfaça. Ora, se as relações sociais se manifestam no online, é pois natural que se procure conquistar esse lugar no espaço virtual.

Se há grupo social que procura estar na cibercultura, são os jovens, já apelidados de “geração polegar” (pelo fascínio com os telemóveis) e de “geração net”. Vários estudos, recentes, mostram que as tecnologias digitais fazem parte da sua vida quotidiana (Livingstone & Bovill, 2001; Dávila, 2006; Prados, 2006; Nieto, 2006), estabelecendo uma relação intensa que se pode falar de um *caso de amor* entre os jovens e as tics (Pereira & Marques, 2007).

Actuando as TICs “como agentes de socialização, influenciando na formação dos jovens, nos seus estilos de vida, na forma de aprender, de interagir com os outros, inclusive na forma de pensar” (Prados, 2006), cabe-nos nós, enquanto professores e investigadores em tecnologias educativas, perceber o *porquê* e *como fazer* para tentar com que as tics, que tanto fascinam os jovens, joguem a favor da educação. Como aconselhava Figueiredo Dias, há já alguns anos no contexto do lançamento de programas de modernização das escolas¹ “temos que ver donde é que estamos a partir porque senão, por muito equipamento que ponhamos nas escolas, não chegamos lá” (Dias, 1999:59).

Temos que predispor-nos a aprender melhor a lidar *com* e *no* ciberespaço, isto se queremos perceber o mundo dos alunos. Como dizia Marco Silva, num fórum de discussão acerca de Cibercultura², sobre os desafios colocados aos professores:

“Penso que será preciso mais do que inclusão digital. Será preciso inclusão cibercultural. Isto é, será preciso não apenas habilidade com o computador, com a internet. Será preciso familiaridade com o estar junto online, com o compartilhamento online, com a interatividade, com a rede de participações colaborativas.”

¹ Debate promovido pelo Conselho Nacional de Educação, intitulado “A Sociedade da Informação na Escola”, a propósito do lançamento de dois programas do governo português, em 1997: “O Programa Nónio Século XXI” e o “Programa Internet na Escola” (CNE, 1999). Para uma melhor compreensão destes e de outros programas de integração das TIC no Sistema Educativo Português pode consultar Silva (2001).

² Coordenador principal do projeto Formação de professores para docência online (em curso online: <http://saladeaulainterativa.pro.br/moodle>, acessível em 25 de Julho de 2008).

2. METODOLOGIA

Segundo Preece, Rogers & Sharp (2002:149), “uma das principais abordagens para colectar informações para o design de tecnologias colaborativas, levando em conta questões sociais, consiste em realizar um estudo etnográfico [...], examinando-se o trabalho atual e outras práticas colaborativas nas quais as pessoas estão engajadas.” Ora, como o objectivo principal deste estudo é pesquisar sobre os tipos de contactos que os jovens têm hoje em dia com as tecnologias, em particular com as redes virtuais, para tentar perceber quais as repercussões na educação, entendemos que o uso da metodologia etnográfica era a mais adequada. Como salientam Bodgan & Biklen, (1994:60), “os etnólogos tentam compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem a ordem no mundo que habitam”. Foi o que procuramos fazer como investigadores de tecnologia educativa, tentar perceber o engajamento dos jovens (alunos) nas redes sociais na Web.

Ao optar por um estudo de natureza etnográfica não levantamos nenhuma hipótese prévia, mas sim algumas perguntas que pretendemos ir respondendo ao longo do desenvolvimento do estudo, à medida que os dados recolhidos se forem agrupando. Seguimos, assim, as orientações de Bodgan & Biklen (1994: 83) ao considerarem que “na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeia do que com aquele que o faz meticulosamente. (...) O planeamento é efectuado ao longo de toda a investigação”.

À partida, possuíamos uma orientação geral que alimentava a questão fulcral do estudo: “*Deve a escola entrar no ciberespaço dos alunos?*”.

Desde o início, sabíamos que os principais objectivos do estudo consistiam em encontrar respostas a perguntas relacionadas com os movimentos sociais dos jovens nas comunidades virtuais da cibercultura e fazer a ponte com a escola de hoje e o aproveitamento educacional desses movimentos. Podemos sintetizar os nossos objectivos em duas questões centrais: A escola deve entrar no ciberespaço dos alunos? Ou esses espaços virtuais são para serem usados única e exclusivamente fora da escola?

Ao não formularmos objectivos muito específicos para o estudo, estávamos conscientes dos riscos inerentes, alertados também pelo saber e experiência de Bodgan & Biklen (idem: 105) ao considerarem que “aqueles que escolhem um plano de

investigação qualitativa têm por vezes uma tarefa difícil ao tentar descrever o que vão fazer antes de iniciar a investigação. (...) Frequentemente, isto cria problemas, quando aqueles que querem apreciar uma proposta não estão familiarizados com o carácter evolutivo do plano qualitativo”.

Obviamente que a metodologia etnográfica implica planeamento prévio, nomeadamente ao nível da selecção da amostra a investigar e dos instrumentos para a recolha de dados.

Numa primeira etapa do estudo, procuramos investigar junto de um grupo mais alargado de jovens para, numa segunda etapa, efectuar uma selecção de apenas alguns jovens para melhor perceber, em profundidade, o seu engajamento nas redes virtuais. Seguimos as orientações de Bodgan e Biklen (1994:89) no que designam de *afunilar* o estudo.

Assim, a amostra inicial recaiu em 42 jovens (alunos), provenientes de três turmas do ensino secundário de uma escola profissional do concelho do Porto (Norte de Portugal). Seleccionamos esta escola porque a conhecemos há cinco anos, bem como os alunos, e ter conhecimento do contexto ambiental (físico, humano, educacional, social e cultural), é um factor importante num tipo de estudo qualitativo de cariz etnográfico. A amostra é constituída maioritariamente por alunos do género feminino (64% moças³ e 36% de rapazes). Os alunos têm idades compreendidas entre os 15 e os 22 anos. Para a segunda etapa, seleccionamos quatro destes alunos, dois rapazes (de 18 e 20 anos) e duas moças (de 17 e 19 anos). Para esta selecção, tendo em vista a realização de entrevistas⁴, partimos de uma análise cuidada das respostas aos questionários, interessando-nos alunos dos dois sexos, que utilizassem com bastante frequência a Web, que tivessem ligação à Internet em casa, que tivessem conta (perfil) em alguma comunidade virtual e que mantivessem uma actividade regular nessas comunidades virtuais.

Como instrumentos, para a primeira etapa utilizámos o questionário e para a segunda a entrevista.

Com o questionário, pretendíamos analisar as preferências dos alunos no mundo virtual. Para isso, fizemos questões relacionadas com o tipo de utilização que fazem da

³Ocorrendo este Colóquio no Brasil, na diferenciação dos jovens por sexo utilizaremos a expressão moça para identificar a jovem do sexo feminino, e rapaz para o masculino.

⁴ Bem como “visitas (observação) das páginas pessoais dos alunos” e o “diário”, estudos que estão ainda em desenvolvimento.

Web e o porquê, o tempo de permanência *online*, horário preferido, se frequentam comunidades virtuais e quais as preferidas, e se a escola poderá ou não “invadir” este espaço.

O questionário foi construído de raiz, mas seguindo orientações de estudos teóricos e empíricos sobre os Jovens e a Internet, nomeadamente os efectuados por Livingstone & Bovill (2001), Jacquinet (2002) e (Cardoso et. al., 2005). Os questionários foram sujeitos a uma validação de conteúdo junto de especialistas em Tecnologia Educativa, seguindo as recomendações de Almeida e Freire (2000) que aconselham “*a consulta de especialistas ou profissionais com prática no domínio*”.

A entrevista foi elaborada a partir de respostas encontradas no questionário e através das questões procuramos perceber melhor o comportamento dos alunos perante as TIC, a sua opinião sobre a informação recebida/oferecida na Web, os mecanismos de conversação utilizados na Web e o valor potencial que atribuem a um produto tic (desde um processamento de texto ou até de software social)⁵. No final da entrevista, abordamos a possibilidade da escola entrar no mundo virtual destes alunos, tentando perceber se avistávamos alguma oportunidade disso acontecer, explorando o assunto pelo lado social (onde se sentem mais activos e mais livres) para depois chegarmos ao contexto sala de aula. Como já dissemos, o principal objectivo da entrevista é perceber se fará sentido a escola “invadir”/conquistar o ciberespaço dos alunos, onde eles passam a maioria do seu tempo e onde fazem descrições detalhadas da sua identidade.

Para a realização da entrevista, foram essenciais as orientações de Preece, Rogers & Sharp (2002:393) ao referirem que, em relação ao desenvolvimento de um estudo etnográfico, o importante é “estabelecer uma boa relação com gerentes e usuários. Observar e entrevistar os usuários em seus locais de trabalho”, sugerindo ainda que “utilizar o áudio pode constituir uma boa maneira de se tomarem notas, além de ser menos invasivo do que o vídeo”.

Deste modo, inicialmente, começamos simplesmente por colocar os quatro alunos à vontade, falando-lhes do nosso trabalho, persuadindo-os para a importância do estudo e da necessidade do apoio deles. Depois, para outros momentos das entrevistas, uma vez que eram quatro elementos, decidimos fazer os encontros dois a dois, para que não se sentissem inibidos; utilizámos somente sistema de gravação de voz (autorizada), uma

⁵ Como referem Preece, Rogers e Sharp (2002:158) “entender os aspectos sociais é bastante importante para tentar compreender que valor, produtos e serviços novos podem trazer às atividades diárias das pessoas e também como se encaixariam nas atividades existentes.”

vez que somente as falas interessavam (um ou outro olhar, uma ou outra atitude que merecesse destaque, íamos anotando); o local escolhido foi a escola, para que não houvesse constrangimentos de estar em local desconhecido. Após cada entrevista realizamos um pequeno relatório com os pontos mais importantes ocorridos.

Para o tratamento dos dados do questionário recorreremos ao software de análise estatística SPSS e para a entrevista, uma vez que se tratava apenas de quatro entendemos não haver necessidade de uso de software específico, efectuámos a categorização dos dados, tentando reconhecer aspectos semelhantes nas respostas dos entrevistados, procurando “por eventos-chaves dentro de um grupo que falem sobre o que guia à atividade do mesmo ... por padrões de comportamento em várias situações e entre diferentes participantes” (Preece, Rogers & Sharp, 2002:400).

3. RESULTADOS

Optamos por apresentar os resultados cruzando a informação oriunda dos dois principais instrumentos (questionário e entrevista), uma vez que desta combinação de dados de natureza quantitativa e qualitativa, é possível um efectuar uma melhor análise e discussão da temática em estudo. Obviamente, que faremos a apresentação dos resultados tendo em conta algumas dimensões resultantes do desenvolvimento do estudo.

Usos do computador e da Internet

Em primeiro lugar, interessa lembrar que estamos perante uma população de 42 jovens/alunos (27 moças e 15 rapazes), oriundos de meios familiares pertencentes, na sua grande maioria, a grupos sociais de média/baixa situação socioeconómica e de grau de escolarização: apenas 2 pais e 1 mãe têm formação de nível superior (licenciatura).

No entanto, apesar de estes alunos pertencerem a classes mais baixas, é de salientar que 98% dos inquiridos têm computador (PC) em casa, ou seja, somente um aluno não tem PC em casa.

Quanto ao uso que fazem do PC, este é o mais variado, sendo que as actividades mais assinaladas são: ligação à Internet (81%), processamento de texto (64%), jogos (52%), grafismos e imagem (33%) e cálculos (7%).

Podemos concluir que os jovens de hoje utilizam o PC essencialmente para acesso à Internet e para processamento de texto. Podemos referir que é de estranhar que 36% dos alunos não assinalem que utilizam PC para processamento de texto, uma vez que os jovens que frequentam as escolas de hoje têm esta ferramenta quase como obrigatória para realizarem os seus trabalhos escolares.

Se a posse de um PC em casa atinge quase a plenitude dos alunos, o mesmo não sucede com a ligação à Internet em casa. Neste caso, há 79% de alunos que acedem em casa e 21% que não. Registe-se que é um valor ainda assim bastante elevado, dado grau de fragilidade socioeconómico familiar.

Quanto ao uso da Internet, 81% dos alunos respondeu que a utiliza frequentemente, e mais de metade dos alunos faz um uso diário.

Relativamente aos locais eleito para aceder à Internet, os mais referidos são a casa (76%) e a escola (57%). O local “casa de amigos” ainda tem alguma expressão (21%), sendo que outros locais têm valores mais residuais: “cada de familiares” (14%), biblioteca e cafés (7%).

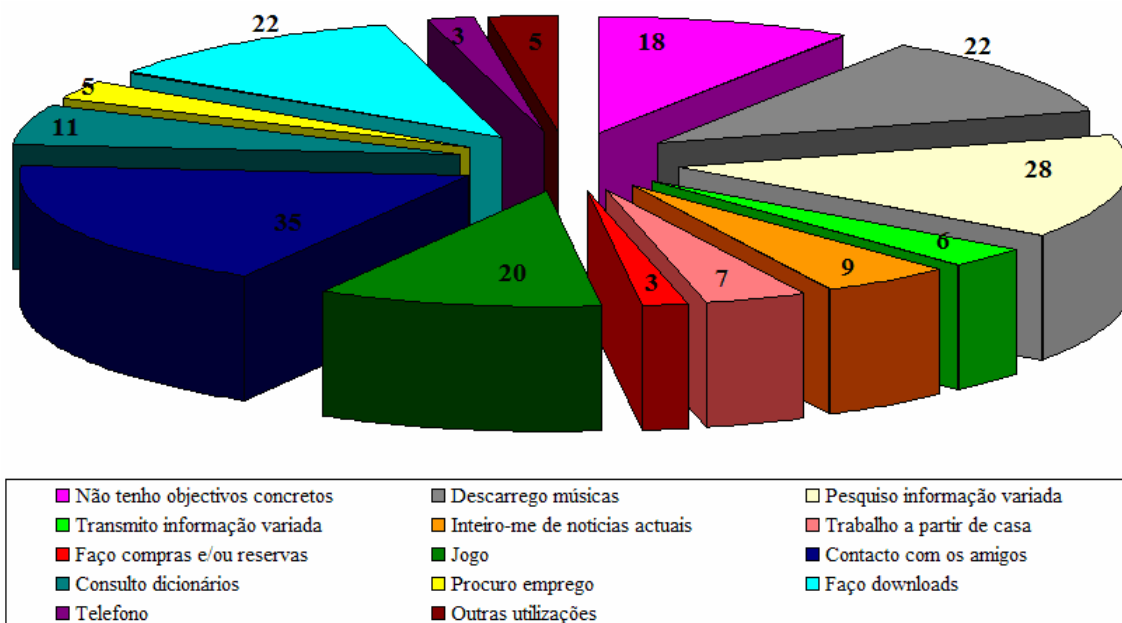
Nas entrevistas que realizamos, os alunos responderam que: *utilizam a Internet na escola quando há salas disponíveis mas mais para o Hi5 e MSN*. Um deles chamou a atenção para o facto de que: *agora os telemóveis também têm internet, é fácil ligar até na sala enquanto está a haver aula*.

Objectivos para aceder à Internet

Quanto aos principais objectivos dos jovens alunos para aceder à Web, esses são os mais variados e podem ser observados no gráfico seguinte⁶. Claramente, sobressai o objectivo de “contacto com os amigos” (83%), seguido dos de “pesquisa de informação” (67%), “descarregar músicas”, “fazer downloads” (52%) e “jogar” (48%). No pólo oposto, o menos assinalado, é “fazer compras e/ou reservas” (7%).

Gráfico 1. Objectivos da utilização da Web

⁶ Note-se que os alunos inquiridos, nesta questão podiam assinalar tantas preferências quantas quisessem.



Comunidades virtuais

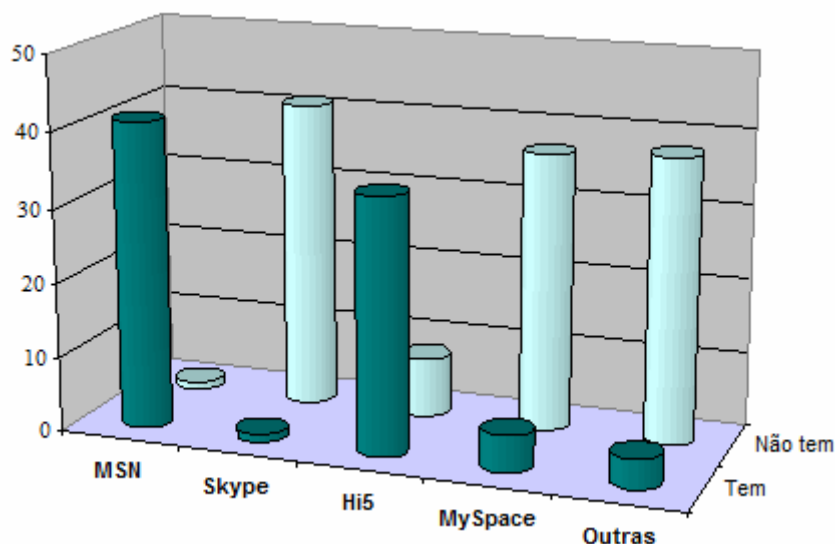
Sem dúvida que os jovens de hoje mostram uma forte paixão por conectar-se à Web para simplesmente contactarem com os amigos. Daí a resposta à pergunta: “Tens alguma conta numa Comunidade Virtual?” ter tido 100% de respostas afirmativas.

Neste campo, como podemos observar no gráfico 2, as preferências destes jovens alunos recaem sobretudo sobre o MSN⁷ e o Hi5⁸. Os alunos entrevistados referem que têm outras comunidades: *mas o MSN e o Hi5 é que são as fortes*, como referiu um deles.

Gráfico 2. Comunidades virtuais que os alunos frequentam

⁷ MSN – sigla de **MicroSoft Network**, um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft que permite que um usuário da Internet converse online e em tempo real

⁸ O Hi5 é um dispositivo da comunidade social virtual, criado por Ramu Yalamanchi (empresário norte-americano), onde cada usuário com registo pode criar um perfil com um *layout* atractivo, podendo colocar texto, fotografias, músicas e vídeos, e constituir uma comunidade de grupo de amigos.



O tempo diário que dedicam (passam) às comunidades virtuais situa-se para a maioria dos jovens entre 1 a 3 horas (53%), sendo também expressivo o valor inferior a 1 hora (41%) e mais escasso os que dedicam entre 3 a 6 horas (6%). Os alunos entrevistados, embora não sejam dos que passam muitas horas nas comunidades, admitem que têm de ir lá todos os dias para ver as alterações, quem anda por lá, etc.

Relativamente aos motivos que levam os jovens alunos a procurar estas comunidades, a grande maioria refere a vontade de “contactar amigos e família” (79%) e “fazer novos amigos” (64%).

Tabela 1. Motivos de adesão às Comunidades Virtuais

Motivos	Contactar com amigos e família	Fazer novos amigos	Conhecer amigos dos seus amigos	Dar-se a conhecer	Outros motivos
Assinalaram	33	27	12	7	5
Não assinalaram	9	15	30	35	37

O motivo de conhecer pessoas novas, conversar e fazer amigos é posto em relevo pelos jovens alunos, referindo que aderiram a estas comunidades porque: *queria conhecer pessoas novas; ver e falar com amigos que já não vemos há muito tempo (...) ou com quem não podemos estar muitas vezes (colegas da antiga escola) e assim quando estou com eles a relação continua igual, a mesma coisa, ou ainda mais forte.* Também aderiram porque: *a nossa turma tem toda.* Um outro entrevistado respondeu que aderiu ao Hi5: *para mostrarmos como somos, e depois fazem-nos comentários*

sempre positivos e isso dá-nos ânimo. Mencionam que com MSN têm a possibilidade de chegar a casa e poder continuar a falar com os amigos. Outro referiu: a minha relação com ele ficou mais forte. Ele foi-me viciando (referindo-se ao outro colega entrevistado).

Em consequência destas respostas, surgiu a necessidade de falar da relação, das conversas que se conseguem criar e ter neste tipo de comunidades. E eles referem: *já tive discussões*, outro menciona que *com uma rapariga já tive uma conversa mais séria* (a nível amoroso). Quando questionados acerca se conseguem ter as mesmas conversas online e pessoalmente, todos eles responderam inicialmente *sim*. No entanto, um dos entrevistados respondeu: *no MSN sinto-me muito mais desinibida*. Ao que outra acrescentou: *assim sinto-me mais nervosa e no MSN é mais fácil*. Um outro entrevistado disse: *como são só duas pessoas, falamos mais*.

E quando estão a falar em fóruns ou mesmo no MSN em grupo? Respondeu um: *são mais conversas de café e às vezes utilizamos para jogar*. Outro dos que também já participou neste género de conversas disse: *janelas com muita gente são só para conversa!*

Em relação ao tempo de vivência nestes espaços, 35,7% dos jovens alunos referem que há mais de dois anos que estão ligados e 33,3% entre 1 e 2 anos. A grande maioria (86%) não se considera viciado.

Muitos jovens alunos (37%) costuma personalizar as páginas pessoais que têm nas comunidades virtuais, sendo que o dinamismo que dão ao *layout* das suas páginas, para as tornarem mais atractivas, passa sobretudo por acréscimo de fotos, variadas, mas principalmente pessoais e de amigos.

Segurança nas comunidades

Sobre o relacionamento com pessoas desconhecidas ou menos conhecidas, 57% dos jovens alunos afirma que os costumam adicionar às suas redes.

No que respeita ao adicionar pessoas às suas redes há alguma diferença por dispositivos, como se pode inferir das respostas nas entrevistas. No MSN, três dos jovens alunos referem que a comunidade onde se inserem é muito pequena, uma vez que neste software eles não adicionam desconhecido, somente estão conectados com amigos, colegas e família. Há, contudo, um entrevistado que referiu ter muita gente na rede do MSN: *Eu tenho muita gente no MSN que não conheço pessoalmente*.

Antigamente jogava online e por isso tinha esses amigos. Com muitos já nem falo, mas antigamente até chegava-me a encontrar com eles no café.

Porém, noutros softwares sociais, como o Hi5, admitem que já não têm problemas em adicionar pessoas menos conhecidas ou até mesmo desconhecidas. *O Hi5 é mais para conhecer pessoas, o MSN é mais aqueles contactos que já temos. O Hi5 raras vezes utilizo para conversa, para isso é melhor o MSN – dizia outro jovem a justificar porque é que no MSN tem só gente que conhece pessoalmente e no Hi5 não. Por outro lado, enquanto dois dos entrevistados disseram que adicionavam desconhecidos no Hi5 mas não falavam, já os outros disseram que adicionam e chegam a trocar mensagens: e se for interessante até trocamos o endereço do MSN para continuarmos a conversa. Mas às vezes é cada desilusão... e outro respondeu: mas isso é mais nos chat, mas agora com namorada não se pode fazer tanta coisa (risos). E o que os levava a adicionar gente nova? Quando adicionamos as pessoas é mais pelo aspecto físico, se forem raparigas não adiciono, só se forem rapazes bonitos, respondeu uma das moças. Mas os rapazes também concordam com esta perspectiva: também adicionamos rapazes mas só aqueles que andaram connosco na escola. Ainda acrescentam que adicionam muitas vezes por serem amigos dos amigos deles.*

Durante a conversa foi bastante interessante perceber a ideia de um dos entrevistados acerca deste mundo: *Sabe professora, o Hi5 é uma rede. Amigos trazem outros amigos...*

No seguimento da conversa, evolui-se para a possibilidade de bloquear ou eliminar contactos da nossa rede de amigos da vida online. Ao que eles responderam, relativamente ao MSN, *só se bloqueia se tivermos experiências negativas, eu nunca bloqueei; outros referiram: quando estão pessoas que não queremos pomos offline ou ocupado, não é preciso bloquear. Às vezes há pessoas chatas...; pessoas que vêm falar muitas vezes bloqueio logo, mas não elimino por serem chatas.*

Em relação ao bloquear a página pessoal no Hi5 para que pessoas estranhas não a vejam eles responderam: *não bloqueamos, toda gente pode ver tudo.*

No prosseguimento da abordagem segurança na Web, um dos alunos entrevistados considerou: *a mim já me tiraram fotografias de lá, ao que outro lhe respondeu: por isso é que se deve ter bloqueado só para amigos. Mas concluíram os dois: se nos preocuparmos muito, se formos sempre a pensar nas coisas... não fazemos nada. Uma das moças entrevistadas respondeu que: para já ainda não me aconteceu nada, por isso... Mas ambas mencionaram que: temos cuidado a pôr fotografias, pomos*

fotografias normais; não pomos de outras pessoas. Um outro entrevistado mencionou que *Quando pomos lá as fotografias, escolhemos as mais bonitas e elas vêm logo fazer comentários ‘és muito lindo’.* (risos).

Para a maioria dos jovens alunos que respondeu ao questionário, as comunidades onde estão inseridos não apresentam consequências negativas (88%). Nem sequer no estudo para a escola se vêm influenciados negativamente por este meio social (71%), embora 24% considere que “roubam” tempo de estudo.

Comunidades Virtuais e Escola

No contexto da questão sobre o tempo passado nas comunidades virtuais versus tempo de estudo/trabalho, entramos na dimensão da relação entre as comunidades virtuais e a escola, aspecto fulcral deste estudo. Relembramos que as questões que colocamos inicialmente e orientaram este nosso estudo, consistiam em: *A escola deve entrar no ciberespaço dos alunos? Ou esses espaços virtuais são para serem usados única e exclusivamente fora da escola?*

As resposta as estas questões, para grande surpresa nossa, foi claramente positiva: 36 alunos (85,7%) pensa que a escola pode, de alguma forma, integrar este tipo de comunidades virtuais que frequentam, e 23 alunos (55%) entendem que os relacionamentos na escola melhorariam se a escola integrasse as comunidades virtuais (cf. gráficos 3 e 4).

Gráfico 3. Pensa que há possibilidades da escola integrar Comunidades Virtuais?

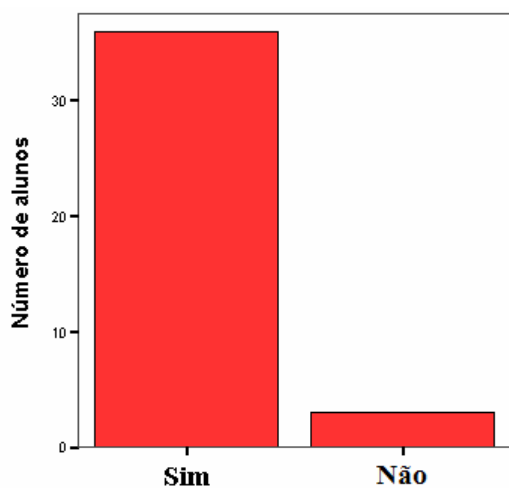
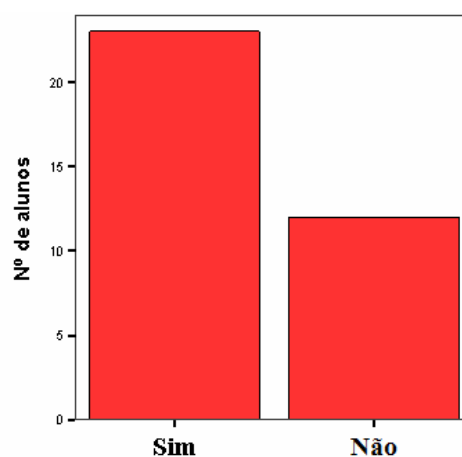


Gráfico 4. Pensa que os relacionamentos melhorariam se a escola integrasse as Comunidades Virtuais?



Sobre o uso dos dispositivos para finalidades escolares, um dos jovens alunos entrevistado referiu que: *o MSN também usamos para trabalhos, já fiz trabalhos através do MSN e mandamos fotos e músicas.* Outro não corroborou muito a ideia e respondeu: *mas para mandarmos trabalhos enviamos um mail e anexamos o arquivo, não é preciso MSN.* Uma das moças entrevistadas referiu: *há professores que dão o e-mail e às vezes utilizo para trabalho e outras vezes só para perguntar se está tudo bem. E tenho o contacto de MSN para às vezes discutir coisas das aulas. (E os teus colegas?) Os meus colegas acho que não usam, pelo menos que eu os visse.* Os outros entrevistados responderam que *usamos o e-mail para enviar trabalhos, nunca para outras coisas.* Um outro chegou mesmo a referir: *Eles (os professores) são antipáticos.*

Foi-lhes perguntado se tinham na sua rede de amigos algum professor, ao que uns responderam que tinham somente no Hi5 uma professora, outros responderam que tinham no Hi5 e no MSN alguns professores. Mas foi interessante a resposta de um deles que mencionou que *os professores nunca estão lá ou estão offline!*⁹.

Neste ponto tentamos explorar um pouco a problemática das plataformas virtuais de aprendizagem¹⁰, uma vez que a escola está conectada à plataforma Moodle. As respostas deles foram bastante desanimadoras: *a professora de Matemática já pôs lá umas fichas; vai-se lá muito raramente.* Outro respondeu: *não vamos lá porque há pouca publicidade. Os alunos não sabem.* Questionamos se sabiam que tinha uma ferramenta de chat, eles responderam: *nem sabemos que aquilo dá para falar.* Outros dois entrevistados responderam que: *nunca nenhuma professora utilizou connosco.*

Perguntamos porque achavam que não havia adesão por parte dos alunos a esta plataforma e um deles muito prontamente respondeu: *escola! professora?*, outro disse: *ali trata-se de trabalhos da aula que a nós não nos interessa tanto.* E ainda outro mencionou: *o professor só usava para pôr coisas.*

Quisemos também saber que uso faziam dos PC's instalados salas de informática na escola. Os alunos responderam que, nas aulas, *utilizavam as salas nas disciplinas de*

⁹ Referindo-se ao estado que é possível colocar no MSN, quando estamos mas não queremos estar a falar ou não queremos que saibam que estamos online.

¹⁰ Dispositivos designados conhecidos por Ambientes Virtuais de Aprendizagem (Virtual Learning Environments – VLEs), ou também por Sistemas de Gestão de Aprendizagem (Learning Management System – LMSs) que permitem “a uma instituição desenvolver materiais de aprendizagem, disponibilizar cursos aos estudantes, proceder a testes e avaliações e gerar bases de dados de estudantes com possibilidade de monitorização dos respectivos resultados e progressão, por via electrónica” (Keegan, 2002, p.11).

TIC; Turismo, para utilizar software específica que vem no programa e em Integração, para pesquisas. Interrogamos se as pesquisas eram orientadas, responderam: Não. Dizem mais sobre o assunto que querem o trabalho. À pergunta se se sentiam autônomos para fazer essas pesquisas, uns disseram: sim, conseguimos fazer bem pesquisas sozinhos; é mais fácil do que pesquisar em livros. E um outro entrevistado respondeu: às vezes consigo fazer bem sozinha e outras vezes, quando não consigo, peço ajuda.

Questionados acerca das aptidões informáticas do aluno e professor, se alguma vez tinham sentido que percebiam mais de computadores que os professores, responderam: *tantas vezes!* Um outro disse: *sabemos mais que a de TIC, nós já lhe dissemos mas ela não leva a mal.* Outro referiu, relativamente a uma professora: *quando a professora não sabe alguma coisa chama-me a mim ou a outros colegas para ajudar.*

No último encontro com os entrevistados foi-lhes colocada a questão: Que dizem da vossa escola entrar no mundo das comunidades virtuais? Tentamos não interromper o diálogo, registando-se a discussão que passamos a partilhar:

- *É mais fácil estar sentado na sala com o colega da carteira do que ir para a Internet.*
- *Olha que se calhar até era interessante e diferente.*
- *Oh! Mas somos só nós os dois que achamos isso.*
- *Oh! Porque dizes isso, quem é que não gosta de conhecer outras pessoas? Porque acabas por conhecer.*

Outra discussão:

- *Acho que não, mas não sei porquê, mas se calhar até podia ficar mais activa.*
- *Sim. Com novas ideias evoluímos. Se ficarmos sempre com aqueles professores que não querem...*
- *Sim se não for para chatear, é que às vezes o Hi5 é chato, não temos visitas...*
- *Se não for só para falar de aulas, matéria, ... Pode-se falar mas não em exagero. Se for assim, está bem.*

4. CONCLUSÃO

Na nossa opinião, este estudo demonstra que os jovens alunos têm ânsia de ver a escola mudar e a aproximar-se do mundo deles, do real e do virtual.

Assim sendo, a escola, e os professores, não podem distanciar-se deste mundo virtual. Devendo ter presente que é esta geração net que frequenta a nossa escola de hoje, temos de fazer com que os alunos não olhem para dentro dos portões da escola e a

avistem como retrógrada e desfasada do seu mundo. Para não ouvirmos o desabafo expresso por um dos alunos entrevistados: “*os professores nunca estão ligados, nunca vão lá*”, ou seja, sentem que os professores, com quem lidam todos os dias na sala de aula, se mantêm à distância, longe do seu universo cotidiano extra-aula. E apelam à mudança, como dizia outro aluno ... “*Se ficarmos sempre com aqueles professores que não querem*”, frase que deixou a pensar sobre o que pensam os alunos de alguns dos seus professores!

Ao professor está a ser exigido um novo desafio, exigente. Temos de conseguir alterar a intervenção junto dos alunos, para também deixarmos de ouvir que “*os professores são antipáticos*” como referiu um dos entrevistados. Temos tido provas que eles procuram encontrar-nos lá, no “sítio deles”. Por experiência própria, sei que no início do ano lectivo o primeiro lugar onde os alunos me tentam encontrar fora da escola é no mundo virtual, que teimamos em dizer que é deles! Mas os alunos encontram-me lá, em Hi5 e MSN¹¹. Alguns professores não estão assim tão distantes.

Temos de saber usar estes novos dispositivos a nosso favor, temos de ir ao encontro do mundo virtual dos jovens, mas não de uma maneira forçada, como vemos tantas vezes. Para quê criar um lugar online forçado para eles (por exemplo, na plataforma Moodle) se os adolescentes nunca gostaram de se sentirem obrigados. Foi-lhes, previamente, devidamente dado a conhecer as potencialidades educativas da plataforma online? E o sentido da sua razão de ser? Porquê chegar no primeiro dia de aulas e dizer-lhes para se inscreverem neste sítio na Web que vamos começar a trabalhar a partir de lá. *Não é isto!* Estando mais que verificado que os jovens alunos já têm um lugar na net, porque não vamos nós ao encontro deles? É que nos ambientes abertos, online, é justificável o receio da censura e da crítica alheia num lugar que não nos lhes é familiar. Como refere Giddens (2000:80), “A confiança nos sistemas abstractos proporciona segurança na fiabilidade quotidiana, mas pela sua própria natureza não pode oferecer nem a reciprocidade nem a intimidade que as relações de confiança pessoais oferecem.” Mas atenção, como alerta Silva (2002:186), cuidado com a formulação que diz: “não são mais os estudantes que têm que seguir o mestre, mas este último que tem de seguir os estudantes...”, a confiança deve ocorrer, naturalmente, do jogo das interações e da aprendizagem, mas não deve produzir o equívoco da minimização de papel do professor em favor da participação dos alunos.

¹¹ Relato experiencial da autora do texto, professora na escola onde o estudo foi efectuado.

Depois de adquirir a confiança no ciberespaço e de eles se habituarem à ideia que nós estamos lá com eles, então aí sim, mostremos-lhes “a disponibilidade de redes de conexões no tratamento dos conteúdos de aprendizagem” (Silva, 2002:185), isto se já não o tivermos conseguido aquando da aproximação. Acreditamos que depois de os alunos adquirirem confiança podemos mostrar-lhes quanto de positivo pode estar a net ao serviço do ensino-aprendizagem.

Os professores, antes passarem a aderir a softwares, plataformas, dispositivos informáticos, etc., só porque estão na moda, devem perceber como Alava (2002:49) que “Uma tecnologia não constitui em si uma revolução metodológica, mas reconfigura o campo do possível E essa oportunidade que evocamos apenas será dada aos aprendizes se, primeiramente, os professores a perceberem, apropriarem-se dela e a dominarem. Em outras palavras, se a compreenderem.” Este constitui o grande desafio que se coloca aos professores nestes tempos da cibercultura.

Referências Bibliográficas

- ALAVA, Séraphin (2002) (Org.). *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed.
- BODGAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOURDIEU, Pierre (2001). *O Poder simbólico*. Algés: DIFEL.
- CARDOSO, Gustavo (1998). *Para um Sociologia do Ciberespaço: comunidades virtuais em português*. Oeiras: Celta Editora.
- CARDOSO, Gustavo; COSTA, António; CONCEIÇÃO, Cristina & GOMES, Maria (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- CASTELLS, Manuel (2002). *A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede* (vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CASTELLS, Manuel (2004). *A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DÁVILA, Alan (2006). Las TIC en la vida de los jóvenes. In *III Congreso Online – Observatório para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, sociedad libre*. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?llengua=es&id=430> (consultado em 21 de Julho 2008).
- DIAS, Figueiredo (1999). Importância e Complexidade da Formação de professores na Sociedade da Informação. In CNE, *A Sociedade de Informação na Escola*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação – Ministério da Educação, pp. 55-61.
- GIDDENS, Anthony (2000). *As consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- JACQUINOT, Geneviève (direc.) (2002). *Le jeune et les médias. Perspectives de la recherche dans le monde*. Paris : L’Harmattan.
- LYON, David (1992). *A Sociedade da INFORMAÇÃO*. Oeiras: Celta Editora.
- KEEGAN, Desmond, et. al. (2002). *E-Learning – O Papel dos Sistemas de Gestão da Aprendizagem na Europa*. Lisboa: Instituto para a Inovação na Formação.

- LÉVY, Pierre (1994). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LIVINGSTONE, Sonia & BOVILL, Moira (2001). *Children and Their Changing Media Environment: A European Comparative Study*. London: Sage.
- NIETO, S. (2006). *Cibercultura ¿Qué somos y a dónde vamos?* In: *III Congreso Online – Observatorio para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, sociedad libre*. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?lengua=es&id=719> (consultado em 21 de Julho 2008).
- PEREIRA, Maria da Graça & MARQUES, Raquel (2007). O Caso de Amor dos Jovens pelos meios de Comunicação Digital. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte Silva & L. Almeida (Eds.). *Livro de Actas do Congreso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía*, Universidade de Coruña pp 717-727.
- PRADOS, Maria (2006). *Cyberbullying. Una auténtica realidad*. In: *III Congreso Online – Observatorio para la Cibersociedad: Conocimiento abierto, sociedad libre*. <http://www.cibersociedad.com/congres2006/gts/comunicacio.php?lengua=es&id=925> (consultado em 21 de Julho 2008).
- PREECE, Jenifer, ROGERS, Yvonne & SHARP, Helen (2002). *Design de Interação: Além da interação homem-computador*. São Paulo: Bookman.
- SILVA, Bento (2001). As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 14, nº 2, Braga: Universidade do Minho, pp. 111-153.
(Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/491>).
- SILVA, Bento (2005). Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. *Revista Educação & Cultura Contemporânea*, vol. 2, nº 3, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, pp. 31-51.
- SILVA, Marco (2002). *Sala de Aula Interactiva*. Rio de Janeiro: Quartet.